

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

O DIÁLOGO FREIREANO, A INTERCULTURALIDADE CRÍTICA E O BEM VIVER NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DECOLONIAL

Tamires Pantoja Brito, Jéssica da Luz Sena, Ivanilde Apoluceno de Oliveira

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15154>

Submetido em: 2026-02-18

Postado em: 2026-03-02 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

O DIÁLOGO FREIREANO, A INTERCULTURALIDADE CRÍTICA E O BEM VIVER NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DECOLONIAL

TAMIRES PANTOJA BRITO¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5955-0179>
<tamires.pantoja04@gmail.com>

JÉSSICA DA LUZ SENA²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3516-7508>
<jessicadaluzsena@gmail.com>

IVANILDE APOLUCENO DE OLIVEIRA³

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3458-584X>
<nildeapoluceno@uol.com.br>

¹ Universidade do Estado do Pará. Belém, PA, Brasil.

² Universidade do Estado do Pará. Belém, PA, Brasil.

³ Universidade do Estado do Pará. Belém, PA, Brasil.

RESUMO: Este artigo propõe reflexões teóricas e visa fomentar uma discussão sobre estudos ligados às pedagogias decoloniais e interculturais. Enfatiza aspectos essenciais da educação dialógica de Paulo Freire, da interculturalidade crítica e das ideias do Bem Viver, contribuindo para a reflexão sobre a criação de um mundo diferente, novas práticas e maneiras alternativas de ser, viver e coexistir em sociedade. No artigo também se tem a intenção de promover um debate que permita repensar ações com vistas a superar a colonialidade do ser, do saber e do poder. Isso é essencial para um mundo mais justo, que reconheça e valorize os saberes, modos de vida e culturas dos povos que foram e ainda são marginalizados. A pesquisa é bibliográfica envolvendo autores como Oliveira (2015; 2020; 2023), Acosta (2016), Fleuri (2020; 2023) e Freire (2018; 2022). Entre as conclusões destacamos: a que evidencia a urgência em criar propostas de educação intercultural atualmente para superar as colonialidades que ainda persistem e são prevalentes na sociedade, bem como que a educação dialógica defendida por Paulo Freire contribui para o desenvolvimento integral do aluno, valorizando seus saberes e culturas. Ademais, fomenta a perspectiva do Bem Viver, que estimula a reflexão sobre outros mundos e modos de vida mais humanos e solidários.

Palavras-chave: Educação Intercultural. Educação Dialógica. Bem Viver. Paulo Freire.

FREIREAN DIALOGUE, CRITICAL INTERCULTURALITY, AND BEM VIVER (GOOD LIVING) IN THE CONTEXT OF DECOLONIAL EDUCATION

ABSTRACT: This article proposes theoretical reflections and aims to foster a discussion on studies related to decolonial and intercultural pedagogies. It emphasizes essential aspects of Paulo Freire's dialogic education, critical interculturality, and the ideas of Good Living, contributing to reflection on the creation of a different world, new practices, and alternative ways of being, living, and coexisting in society. The article also aims to promote a debate that allows for rethinking actions aimed at overcoming the coloniality of being, knowledge, and power. This is essential for a more just world, one that recognizes and values the knowledge, ways of life, and cultures of people who have been and continue to be marginalized. The research is bibliographical, involving authors such as Oliveira (2015; 2020; 2023), Acosta (2016), Fleuri (2020; 2023), and Freire (2018; 2022). Among the conclusions, we highlight: one that highlights the urgency of creating intercultural education proposals today to overcome the colonialities that still persist and are prevalent in society, as well as that the dialogical education advocated by Paulo Freire contributes to the integral development of students, valuing their knowledge and cultures. Furthermore, it fosters the perspective of Good Living, which encourages reflection on other worlds and more humane and supportive ways of life.

Keywords: Intercultural Education. Dialogic Education. Good Living. Paulo Freire.

EL DIÁLOGO FREIREANO, LA INTERCULTURALIDAD CRÍTICA Y EL BUEN VIVIR EN EL CONTEXTO DE LA EDUCACIÓN DECOLONIAL

RESUMEN: Este artículo propone reflexiones teóricas y busca fomentar el debate sobre los estudios relacionados con las pedagogías coloniales e interculturales. Enfatiza aspectos esenciales de la educación dialógica de Paulo Freire, la interculturalidad crítica y las ideas del Buen Vivir, contribuyendo a la reflexión sobre la creación de un mundo diferente, nuevas prácticas y formas alternativas de ser, vivir y convivir en sociedad. Este artículo también busca promover un debate que nos permita repensar las acciones destinadas a superar la colonialidad del ser, el conocimiento y el poder. Esto es esencial para un mundo más justo, que reconozca y valore los conocimientos, las formas de vida y las culturas de los pueblos que han sido y siguen siendo marginados. La investigación es bibliográfica e incluye autores como Oliveira (2015; 2020; 2023), Acosta (2016), Fleuri (2020; 2023) y Freire (2018; 2022). Entre las conclusiones, destacamos la urgencia de crear propuestas de educación intercultural hoy para superar las colonialidades que aún persisten y prevalecen en la sociedad, así como el hecho de que la educación dialógica defendida por Paulo Freire contribuye al desarrollo integral del estudiante, valorando sus conocimientos y culturas. Además, fomenta la perspectiva del Buen Vivir, que incentiva la reflexión sobre otros mundos y formas de vida más humanas y solidarias.

Palabras clave: Educación intercultural. Educación dialógica. Buen vivir. Paulo Freire.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é realizar reflexões teóricas e fomentar uma discussão sobre estudos ligados às pedagogias decoloniais e interculturais. Enfatiza aspectos essenciais da educação dialógica de Paulo Freire, da interculturalidade crítica e das ideias do Bem Viver, contribuindo para a reflexão sobre a criação de um mundo diferente, novas práticas e maneiras alternativas de ser, viver e coexistir em sociedade. No artigo também se tem a intenção de promover um debate que permita repensar ações com vistas a superar a colonialidade do ser, do saber e do poder. Isso é essencial para um mundo mais justo, que reconheça e valorize os saberes, modos de vida e culturas dos povos que foram e ainda são marginalizados.

Consideramos importante refletir sobre práticas decoloniais que superem as agressões sofridas por muitos povos subalternos ao longo do processo histórico de desenvolvimento da sociedade. Para isso, dialogamos com vários autores que nos permitiram fundamentar os entrelaçamentos entre decolonialidade, interculturalidade e educação, visando contribuir para a superação das estruturas coloniais de desenvolvimento da sociedade que, ainda hoje, marginalizam diversos povos e indivíduos.

Ao longo da conversa, destacamos as contribuições do diálogo de Paulo Freire como fundamental para a construção de uma educação intercultural e humanizada. Com sua proposta de uma educação dialógica, o autor contribui para o debate sobre a valorização da educação, fundamentada em práticas que destacam os saberes, territórios e culturas dos indivíduos, além de apoiar práticas de ensino emancipadoras e decoloniais.

Neste diálogo intercultural e decolonial, também buscamos apresentar a ideia do Bem Viver, uma perspectiva criada pelos povos indígenas que busca uma sociedade com uma relação humanizada com a natureza. Essa concepção nos ajuda a refletir sobre a realidade em que vivemos e a propor práticas de vida mais humanizadas e sensíveis.

Dessa forma, a pesquisa é bibliográfica sendo incorporadas as contribuições de Oliveira (2015; 2020; 2023), Acosta (2016), Fleuri (2020; 2023), Freire (2018; 2022) e outros autores que contribuem para o desenvolvimento de uma produção do conhecimento relevante e contemporânea, que promova uma perspectiva decolonial em relação à sociedade em que vivemos.

O artigo apresenta 4 seções. A primeira, a introdução em que se apresenta o objetivo e a metodologia do estudo; a segunda, é debatida a educação dialógica de Paulo Freire e a intercultural crítica como caminhos para superar a colonialidade; a terceira traz para reflexão a educação dialógica e intercultural crítica como perspectivas para a construção de uma sociedade decolonial; a quarta apresenta a importância do bem viver para o debate da educação intercultural crítica e a pedagogia decolonial. Por fim, a apresentação das conclusões do estudo.

A EDUCAÇÃO DIALÓGICA DE PAULO FREIRE E A INTERCULTURAL CRÍTICA: CAMINHOS PARA SUPERAR A COLONIALIDADE

Paulo Freire oferece uma educação que reconhece os conhecimentos e a cultura dos indivíduos oprimidos e subalternos. Uma educação voltada para a vida, visando à construção de uma sociedade mais humana, em sintonia com uma perspectiva intercultural, através do diálogo.

É importante ressaltar que Paulo Freire critica especificamente os processos de colonização que a sociedade experimentou, os quais foram estabelecidos pela imposição de uma cultura dominante ao longo de séculos. Esses processos de colonização resultaram em várias situações prejudiciais para os povos, incluindo a marginalização de seus conhecimentos e culturas. Além do que as escolas não representam a realidade e contexto social, e espaço tempo histórico, estabelecendo assim, críticas ao seu processo de colonização das mentes, alienação.

Em "Pedagogia do Oprimido", Freire (2024) critica a colonização que impõe uma perspectiva opressora aos indivíduos, desumanizando-os e impondo uma "educação bancária". Essa abordagem perpetua a opressão ao não fomentar o pensamento crítico e a autonomia, sendo um resquício de uma educação alienante e colonizadora. "Constatar esta preocupação implica, indiscutivelmente, reconhecer a desumanização, não apenas como viabilidade ontológica, mas como realidade histórica". (Freire, 2024, p. 40). A desumanização do outro envolve a aceitação de que ainda existe uma constatação dolorosa de que a negação do ser mais é a raiz da inconclusão humana, pela brutalidade, pela injustiça, opressão, privação de direitos e de acesso à educação. "E aí, está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos - libertar-se a si e aos opressores". (Freire, 2024, p. 41).

Oliveira (2020, p. 29) explica que "Freire desloca o eu para o nós, no campo educacional que implica compreender a aprendizagem como um processo de interação social, sendo, portanto, coletivo e participativo." A educação é entendida como um processo de mediação, que supera as várias formas de colonialidade, considerando processos educativos que transcendam a individualidade e promovam a coletividade, estabelecendo uma interrelação entre os saberes em que se aprende e se ensina. Por isto, Freire (2024, p. 19) fala da ética, enquanto ação humana, que condena, denúncia, pois, "[...] a natureza ética da prática educativa enquanto prática especificamente humana". É por isto que devemos incansavelmente lutar.

A autora afirma também que Freire ressalta ser possível a superação de práticas coloniais por meio de uma "pedagogia crítica, dialógica, intercultural e decolonial." (Oliveira, 2020, p. 30), ou seja, uma pedagogia que compreenda os processos de criticidade necessários para abordar os debates sobre esses indivíduos, que promova a interação entre eles, que seja intercultural e valorize os conhecimentos e culturas, e que adote uma perspectiva decolonial em oposição às imposições coloniais a que muitos foram submetidos.

Paulo Freire desenvolve a teoria da dialogicidade na educação, que contempla elementos como a colaboração, a união para a libertação, a organização e a síntese cultural, sendo fundamental o diálogo. De acordo com Oliveira (2015, p.77), o diálogo proposto por Freire busca a comunicação e a humanização em termos existenciais e ético-políticos. "O diálogo se constitui no encontro em que homens e mulheres encontram-se para refletir sobre sua realidade e transformá-la, como sujeitos inconclusos e comunicativos que são."

Isso significa que o diálogo permite às pessoas aprenderem com as diferenças e se tornarem mais humanizadas, na medida em que a humanização do indivíduo ocorre de maneira histórica e cultural em suas relações de existir e conviver no mundo. Assim, é essencial considerar que, nos processos de educação intercultural voltados para a superação das diferenças, as relações e interações por meio do

diálogo são essenciais, não como uma exigência entre as partes, mas como meios para o desenvolvimento dos conhecimentos.

Nesta perspectiva, “o diálogo em Freire se apresenta como um caminho metodológico para promover o encontro entre as diferenças e as relações interculturais.” (Oliveira, 2015, p. 99), isto é, como uma abordagem que transcende os processos de imposição característicos do colonialismo. Portanto, é fundamental considerar os processos dialógicos que envolvem as maneiras de superar as diferenças por meio das relações interculturais. “Ser dialógico é transformar a realidade com o outro e não invadir a cultura do outro.” (Oliveira, 2015, p. 99).

Freire (2022) ressalta que o diálogo é intrínseco à natureza humana e é uma condição essencial no processo de nossa humanização. Esse aspecto nos permite nos tornarmos seres progressivamente mais comunicativos, refletindo sobre as realidades que criamos e recriamos. O diálogo é fundamental ao processo educacional porque por meio dele se conhece e se reconhece. Não é uma questão de transferir saberes e/ou conhecimentos, mas de estabelecer uma relação dialógica entre os sujeitos e seus conhecimentos. O diálogo é uma forma de comunicação entre as pessoas.

Na educação, Freire (2022) indica direções para um ensino fundamentado no diálogo, e não na imposição de um sobre o outro.

O diálogo é a confirmação conjunta do professor e dos alunos no ato comum de conhecer e re-conhecer o objeto de estudo. Então, em vez de transferir o conhecimento estaticamente, como se fosse uma posse fixa do professor, o diálogo requer uma aproximação dinâmica na direção do objeto (Freire, 2022, p. 172)

Nesse contexto, considerar uma educação dialógica implica entender os alunos, sua realidade e suas experiências. Isso significa acompanhá-los e proporcionar situações que os ajudem a compreender aspectos de sua realidade de maneira crítica e ético-política.

A educação dialógica de Freire permite refletir que o diálogo enriquece a existência. Freire (2024) enfatiza que o diálogo vai além de uma simples troca de ideias; ele busca uma educação libertadora que procura entender o ser humano em sua totalidade, reconhecendo que seus conhecimentos, culturas e modos de vida são elementos essenciais para sua formação e apropriação como sujeito. Portanto, “a educação de Paulo Freire reconhece o ser humano na integralidade do seu ser, valorizando os saberes e as experiências de vida do(as) educandos(as), criando-se também laços de afetividade e de solidariedade” (Oliveira, 2020, p. 32).

A educação proposta por Paulo Freire é aquela que eticamente valoriza a vida em sua diversidade, em uma perspectiva da coletividade e não do ser singular, aspectos que são necessários ao viver na sociedade e nas relações. Paulo Freire potencializa o rompimento de uma educação colonial que oprime o ser humano, quando reconhece que os sujeitos trazem consigo uma história, compreendida por inúmeros saberes e culturas, saberes esses de experiências de vida e ser e estar no mundo.

Numa visão libertadora, não mais “bancária” da educação, o seu conteúdo programático já não involucra finalidades a serem impostas ao povo, mas, pelo contrário, porque parte e nasce dele, em diálogo com os educadores, reflete seus anseios e esperanças. (Freire, 2024, p. 143).

Freire (2024) aponta para a necessidade de adotar uma visão de educação que seja libertadora e que dê sentido ao que se propõe, superando os processos de colonialidade e a concepção de educação bancária, que não valoriza o educando em sua totalidade. Portanto, é importante defender uma educação que se concentre no desenvolvimento do ser humano em toda a sua plenitude de conhecimento. Isso significa sugerir práticas pedagógicas que adotem uma abordagem dialógica, levando os alunos a um diálogo que os ajude a entender sua realidade e visão de mundo, expressas em suas diversas situações e ações no mundo. Assim, ao adotar uma abordagem de educação dialógica, Paulo Freire se alinha a uma Educação com uma perspectiva decolonial.

Fleuri (2000) destaca que a obra "A Pedagogia do Oprimido" de Freire nos incentiva a romper com a opressão contra grupos subalternizados. Além disso, a sua concepção dialógica permite a criação de perspectivas de organização política que respeitem as diferenças culturais e socioambientais. E Oliveira (2015) afirma ser Paulo Freire a gênese da educação intercultural no Brasil, ao trazer o debate

da interculturalidade crítica e as questões sobre a diversidade e diferença no campo educacional. Ambos evidenciam a importância de Paulo Freire aos estudos da educação intercultural e da pedagogia decolonial.

Educação dialógica e intercultural crítica: por uma sociedade decolonial

A sociedade brasileira atual ainda apresenta muitos aspectos de uma sociedade colonizada, refletindo diversas formas de opressão contra indivíduos subalternizados, que são oprimidos em seus conhecimentos, territórios, culturas e modos de vida. Portanto, é relevante e essencial discutir como podemos repensar e promover diálogos que apoiem esses grupos sociais.

Ao longo da história, a sociedade brasileira foi submetida a colonização, que exterminou diversas culturas. Atualmente não vivenciamos o processo de colonização, porém são encontrados discursos e práticas coloniais, que se configuram em uma mentalidade colonial, interferindo na forma de olhar os indivíduos e os diferentes povos, principalmente os originários, mantendo situações de opressão e marginalização, além da desvalorização de suas culturas.

A colonialidade invisibiliza a cultura dos grupos sociais historicamente marginalizados sem levar em conta seus modos de existir e de viver no mundo, sua concepção de mundo, bem como seus princípios éticos e epistêmicos. Porém, por meio de suas práticas culturais, podemos entender e valorizar a relevância das relações interculturais que eles estabelecem, oferecendo novas perspectivas para a sociedade, isto é a promoção da decolonização, que para Fleuri (2023) contribui para desconstruir perspectivas e ações coloniais hegemônicas.

Fleuri (2023) destaca que:

A perspectiva não-colonial potencializa e ultrapassa o esforço de crítica e de desconstrução da colonialidade no âmbito das sociedades ocidentais hegemônicas. Na perspectiva não-colonial, os métodos, os povos e as terras indígenas têm um papel protagonista para promover os processos de decolonização (Fleuri, 2023, p. 11).

Nesse sentido, os povos indígenas e afrodescendentes desempenham um papel importante nesse processo de decolonização, sendo importante destacar que, como sujeitos e povos imersos em diversas Amazônia, culturas e territórios, os povos indígenas mantêm modos de viver e existir que estão ligados a uma visão de mundo que valoriza a Mãe Terra e sua conexão com a ancestralidade. Para esses povos, há uma conexão profunda com a natureza, não como um processo de troca ou valor, mas como um processo de humanização. Portanto, é fundamental adotar uma concepção de mundo, que promova uma educação intercultural que valorize os indivíduos. Nesse contexto, é urgente aprender com os povos indígenas e seus modos de vida, a fim de transformar a vida baseada em ideias coloniais.

A interculturalidade, ao considerar maneiras de interações entre as diversas culturas de uma sociedade específica, fortalece o pensamento dessas culturas como um processo constante de construção e reconstrução. Na visão de Fleuri (2013), a interculturalidade emerge em um cenário no qual os indivíduos subalternizados e marginalizados lutam pelo reconhecimento de sua identidade cultural. Dessa forma, favorece a interação entre diversas culturas e povos.

Oliveira (2015, p.64) afirma que a interculturalidade se baseia no diálogo, na interação e na inter-relação entre diversas culturas, adotando uma visão plural que reconhece que a sociedade é formada e composta por múltiplas culturas. A autora entende que “na dimensão epistemológica a interculturalidade se configura com um problema de conhecimento, cuja questão central é a relação entre o uno e o múltiplo.”

Nesse contexto, sob uma perspectiva epistemológica, a interculturalidade busca estabelecer ligações entre as particularidades e a universalidade. Isso significa que busca superar as dicotomias entre os saberes, adotando uma perspectiva de superação que considera os conhecimentos da experiência e os valores dos grupos sociais marginalizados.

O debate intercultural no Brasil evidencia o processo de marginalização que os povos originários ainda enfrentam hoje. Eles continuam à margem, com seus modos de viver, ser e estar sendo influenciados por uma cultura eurocêntrica e colonial que não reconhece suas particularidades e singularidades. Isso ocorre não apenas no sentido estrito do termo, mas também pela persistência das investidas coloniais que reforçam essa não universalidade.

Oliveira (2015) enfatiza que a educação intercultural envolve processos de interação entre diferentes grupos sociais, com o objetivo de valorizar as diversas culturas e conhecimentos. Em outras palavras, busca o reconhecimento do outro para promover diálogos entre os variados grupos sociais e culturais. Desta forma, a interculturalidade crítica procura estratégias que se conectem com outras perspectivas políticas, éticas e epistemológicas, permitindo a abertura para diferentes culturas e diálogos que reconheçam a diversidade. A interculturalidade funcional, conforme exposta por Walsh (2009) em um trabalho apresentado no XII Congresso da Association pour la Recherche Interculturelle (ARIC) em Florianópolis, não representa uma opção para explorar outros tipos de conhecimento, saberes e resistências, pois se concentra na coesão social e não busca alterar as relações de poder.

A interculturalidade crítica é a que absorve os discursos dos povos marginalizados e questiona o processo de colonização, que historicamente impôs culturas, filosofias e modos de vida à cultura dominante. O objetivo é questionar as desigualdades e opressões criadas para diferentes grupos sociais, defendendo que a interculturalidade busca a reestruturação de sociedades que reconheçam sua diversidade e estabeleçam novas relações baseadas no diálogo, na afetividade e em conhecimentos. Isso envolve trazer o afeto e o coração, além de outras formas de explicação não racional que a natureza utiliza, para construir essa alterosofia da alteridade, a partir de uma perspectiva ético-política.

Para Sacavino e Candau (2020, p. 19), a Interculturalidade Crítica “quer ser uma proposta epistemológica, ética e política orientada à construção de sociedades democráticas que articulem igualdade e reconhecimento das diferenças culturais”. Nesta perspectiva, a Educação Intercultural pode ser entendida como uma proposta educacional fundamentada em princípios democráticos e dialógicos, com o objetivo de criar práticas educativas que promovam aprendizagens significativas e contextualizadas, valorizando os conhecimentos e as culturas dos locais onde se inserem.

Oliveira (2015) enfatiza que as práticas de Educação Intercultural levam em conta a diversidade de indivíduos e culturas. Ao longo de seu desenvolvimento, essas práticas promovem a interação entre diferentes conhecimentos, fomentando relações solidárias e dialógicas entre os indivíduos, que propõe caminhos para construir uma educação de caráter dialógico. Portanto, entendemos que ainda é preciso aprofundar a discussão sobre uma Educação Intercultural na sociedade brasileira e no mundo, bem como criando alternativas para uma educação que reconheça os conhecimentos e a cultura dos povos e dos diferentes indivíduos.

Fleuri (2020) enfatiza que, sob uma perspectiva relacional das concepções de educação, a educação dialógica de Paulo Freire se alinha intimamente aos princípios do Bem Viver. Esses princípios envolvem a capacidade dos indivíduos de dialogar em comunidade sobre as contradições que enfrentam em seu contexto social, com o objetivo de superá-las. O Bem Viver consiste em uma esperança para uma sociedade intercultural e uma educação decolonial.

Educação dialógica e intercultural crítica: por uma sociedade decolonial

O Bem Viver é um processo originado de povos e indivíduos que coexistem em harmonia com a natureza. De acordo com Acosta (2016), o Bem Viver visa evidenciar os equívocos e as limitações dos diversos processos de desenvolvimento fundamentados em uma perspectiva colonial. Em outras palavras, rompe com a ideia de um “sonho” utópico de desenvolvimento que os seres humanos nunca serão capazes de alcançar.

De acordo com Fleuri (2020), para os povos indígenas, o Bem Viver representa filosofias de vida que buscam romper com a decolonialidade do ser, do poder e do saber de forma coletiva. Enfatiza ainda que o Bem Viver propõe uma matriz de coexistência harmoniosa com a natureza, em vez de utilizá-la para atender aos padrões de consumo vigentes.

O Bem Viver aceita e apoia maneiras distintas de viver, valorizando a diversidade cultural, a interculturalidade, a plurinacionalidade e o pluralismo político. Diversidade que não justifica nem tolera a destruição da Natureza, tampouco a exploração dos seres humanos, nem a existência de grupos privilegiados às custas do trabalho e sacrifício de outros (Acosta, 2016, p. 252).

Nesse contexto, trata-se de uma proposta de vida fundamentada na diversidade cultural, nos processos de interculturalidade e na valorização da vida e do conhecimento. Nesse enfoque, a natureza não é vista apenas como um recurso a ser explorado e destruído, mas como uma relação entre o ser humano e o meio ambiente com o objetivo de melhorar o mundo.

Assim, segundo o autor Alberto Acosta (2016), a verdadeira contribuição do Bem Viver para as práticas sociais reside em oferecer oportunidades para que o diálogo possa abrir caminhos para diferentes formas de reflexão que desafiem a ordem conceitual predominante. Assim, uma de suas principais contribuições é permitir uma construção coletiva entre os conhecimentos, sendo está um processo social.

Considerando este aspecto, e os diversos efeitos dos processos de colonização e como eles afetam a vida de muitas pessoas, é urgente buscar e desenvolver modos de vida que não se baseiam na acumulação de capital, construindo sociedades democráticas.

O Bem Viver – enquanto filosofia de vida- é um projeto libertador e tolerante, sem preconceitos nem dogmas. Um projeto que, ao haver somado inúmeras histórias de luta, resistência e propostas de mudança, e ao nutrir-se de experiências existentes em muitas partes do planeta, coloca-se como ponto de partida para construir democraticamente sociedades democráticas (Acosta, 2016, p. 41).

De acordo com o autor, o Bem Viver fortalece a reflexão sobre uma sociedade democrática e libertadora, sendo carregado de inúmeras histórias de luta e resistência, e se alimenta de experiências que valorizam a vida, os conhecimentos e os povos que sempre foram oprimidos. É uma perspectiva que permite transcender os modos de desenvolvimento restrito propostos pelos povos marginalizados e subalternizados. Visa convocar todos para a criação de novos mundos e sociedades baseadas na harmonia entre os seres humanos e sua relação com a natureza, reconhecendo os diferentes saberes e culturas presentes no planeta. (Acosta, 2016).

Em relação ao que foi exposto, devemos superar as bases estruturais da colonialidade, que marginaliza e oprime as pessoas. Dessa forma, o Bem Viver “é uma proposta de luta que enfrenta a colonialidade do poder.” (Acosta, 2016, p. 46), que busca perspectivas de vida mais solidárias e humanas, focadas no bem comum.

O Bem Viver é uma filosofia de vida que abre as portas para a construção de um projeto emancipador. Um projeto que, ao haver somado histórias de lutas, resistência e de propostas de mudança, e ao nutrir-se de experiências locais, às que deverão somar-se contribuições provenientes de diversas latitudes, posiciona-se como ponto de partida para estabelecer democraticamente sociedades sustentáveis. (Acosta, 2016. p. 52).

Alberto Acosta (2016, p.81), o Bem Viver é uma missão que busca reestruturar a meta universal do progresso, que se manifesta de maneira colonizadora e também aparece como uma perspectiva produtivista, considerada a única forma de desenvolvimento. Dessa forma, o Bem Viver “apresenta-se como uma oportunidade para construir coletivamente novas formas de vida.”

Assim, a decolonialidade deve ser entendida como um percurso repleto de alternativas e oportunidades, construído a partir das lutas populares. Em outras palavras, representa uma alternativa descolonizadora para as sociedades, a qual precisa de uma “descolonização intelectual no âmbito político, econômico e [...] cultural.” (Acosta, 2016):

O Bem Viver propõe uma cosmovisão diferente da ocidental, posto que surge raízes comunitárias não capitalistas. Rompe igualmente com as lógicas antropocêntricas do capitalismo enquanto civilização dominante e com os diversos socialismos reais que existiram até agora – que deverão ser repensados a partir de posturas sociobiocêntricas e que não serão atualizados simplesmente mudando seus sobrenomes (Acosta, 2016, p. 84).

Na esperança de um mundo diferente, o Bem Viver surge como uma oportunidade de diálogo que quebra com a ordem colonial vigente. Uma de suas formas de se manifestar seria por meio da construção coletiva de pontes de conhecimento, que, ao dialogarem entre si, superam as distâncias necessárias entre discurso e prática. O “Bem viver [...] apresenta-se como uma oportunidade para construir coletivamente novas formas de vida.” (Acosta, 2016, p. 251).

Desenvolver modos de vida sob essa ótica implica buscar formas de viver bem com o que já possuímos, ao contrário da perspectiva de viver melhor, que se baseia em um consumismo excessivo e insaciável. Portanto, é necessário ter consciência na busca por alternativas de vida que atendam às nossas reais necessidades, sem desvincular nossos pensamentos da relação com a Mãe Terra, ou seja, com a natureza.

Adotar uma perspectiva de educação no Bem Viver envolve processos que estão interligados aos contextos humanos, ecológicos e espirituais. Isso significa que, de acordo com Fleuri (2020, p.252), é necessário propor uma educação comunitária que estabeleça uma conexão entre o ser humano e a natureza, superando uma perspectiva individualista. Dessa forma, para que existam propostas de educação voltadas para o Bem Viver, “é fundamental que se restabeleça a educação comunitária.” As práticas pedagógicas no Bem Viver devem desafiar a divisão entre teoria e prática, questionando uma educação moldada pelos padrões coloniais e buscando, dessa forma, desenvolver um tipo de educação que “ênfatiza a autonomia pessoal, a participação comunitária e a relação integral com a natureza.” (Fleuri, 2020, p. 255). A educação sob a ótica do Bem Viver abrange processos educativos que possuem características de permanência, inclusão no currículo, ciclicidade, naturalidade, produtividade e interculturalidade. Em outras palavras, trata-se de uma educação inclusiva, na qual esses indivíduos estão integrados ao processo educativo.

De acordo com Fleuri (2020), conceber uma educação fundamentada no Bem Viver é um processo em que se aprende ao ensinar e se ensina ao aprender, conforme Freire destaca, em uma abordagem dialógica. Educação na qual todos adotam um determinado estágio do desenvolvimento da prática e, nessa prática, estabelecem uma conexão harmoniosa com o mundo e a natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos promover um diálogo sobre perspectivas voltadas para uma sociedade intercultural que permita a valorização dos indivíduos oprimidos e subalternizados. A educação intercultural crítica é a que ocorre na interação entre os sujeitos e reconhece seus saberes e culturas, visando uma sociedade mais humanizada e decolonial.

Nesse percurso em direção a uma sociedade intercultural, que promova uma visão mais humana, estabelecemos neste debate, um diálogo com Paulo Freire, cuja educação se desenvolve a partir de uma perspectiva dialógica, rompendo com práticas educativas que contribuem para a superação de práticas colonialistas. Nesse contexto, a educação proposta por Freire é libertadora, proporcionando significado e superando a ideia de uma educação bancária, que valoriza o educando em sua totalidade.

A Educação Intercultural crítica leva em conta a diversidade de indivíduos e culturas, caracterizando-se como dialógica, crítica e ético-política, reconhecendo os educandos como sujeitos de conhecimento, história e cultura, sendo valorizados seus saberes e experiências de vida.

Na perspectiva da educação intercultural crítica e decolonial, o Bem Viver surge a partir das propostas de povos e indivíduos e sua conexão com a natureza, rompendo com um modelo educacional que ainda considera a separação entre teoria e prática. Desse modo, o Bem Viver abrange elementos de uma sociedade que valoriza a vida e a natureza, entendendo-as não como uma relação de troca e exploração, mas como uma relação de contribuição mútua, considerando outros saberes, mundos e perspectivas para construir uma sociedade humana e práticas decoloniais.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. 2. ed. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

FLEURI, Reinaldo Matias. Educação Intercultural: aprender com os povos originários do Sul a decolonizar a educação. In: FLEURI, Reinaldo Matias; OKAWATI, Juliana Akemi Andrade (Orgs.) Decolonizar a Educação: entretecer caminhos de Bem Viver. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. p. 33-54.

FLEURI, Reinaldo Matias. Paulo Freire e as cosmovisões dos povos originários. *Educazione Aperta, Itália*. n.7, p. 246-261, 2020. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/212625>

FREIRE, Paulo. Medo e ousadia: o cotidiano do professor. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 79. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 90. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNADINO-COSTA, Joase; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Nelson. Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 27-51.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. O Bem Viver, um diálogo em construção: aprendendo com os Kaingang, Tembê Tenetehar, Tupinambá e Maruaná-Aruã. In: FLEURI, Reinaldo Matias; OKAWATI, Juliana Akemi Andrade. Decolonizar a Educação: entretecer caminhos de Bem Viver. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. p. 209-224.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. Paulo Freire: gênese da educação intercultural no Brasil. 1 ed. Curitiba: CRV, 2015.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. Resistências decoloniais: o ser e o viver em Enrique Dussel e Paulo Freire. In: CANDAU, Vera Maria. Pedagogias decoloniais e interculturalidade: insurgências. Rio de Janeiro: APOENA, 2020. p. 23-34.

SACAVINO, Susana; CANDAU, Vera Maria. Perspectiva Decolonial e Educação Intercultural: Articulações. In: CANDAU, Vera Maria. Pedagogias decoloniais e interculturalidade: insurgências. Rio de Janeiro: APOENA, 2020. p. 12-22.

DECLARAÇÃO SOBRE DISPONIBILIDADE DE DADOS

Os dados que sustentam os resultados deste estudo são de natureza bibliográfica e encontram-se integralmente contidos no próprio artigo e nas referências citadas, não havendo conjuntos de dados depositados em repositórios externos.

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

De acordo com a taxonomia CRediT (Contributor Roles Taxonomy), as contribuições das autoras são:

Autora 1 – Tamires Pantoja Brito: Conceitualização, Metodologia, Análise formal, Investigação e Escrita (rascunho original).

Autora 2 – Jéssica da Luz Sena: Investigação, Análise formal e Escrita (rascunho original).

Autora 3 – Ivanilde Apoluceno de Oliveira: Conceitualização, Supervisão, Validação e Escrita (revisão e edição).

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.